

O ENSINO DE HISTÓRIA DE ALAGOAS EM TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II POR MEIO DO AUDIOVISUAL ONLINE: Contextos, desafios e caminhos.

Paulo Davi Cardoso Alcântara¹
paulodavi.cardoso@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo se originou de reflexões que vieram unir algumas ideias sobre ensinar e aprender História, neste caso, a História local de Alagoas, com tecnologia e mídias audiovisuais numa tentativa de aproximar os estudantes do Ciclo Fundamental II com a História do estado onde moram. Nessa perspectiva, indagamos: de que forma podemos trabalhar com a História de Alagoas utilizando audiovisuais online (filmes, documentários, reportagens etc) como suporte pedagógico para facilitar o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História do Ensino Fundamental II? Dessa forma, destacamos como objetivo deste trabalho identificar algumas possibilidades da utilização de recursos e mídias audiovisuais presente na internet para entender a História do Estado de Alagoas. Em termos metodológicos e teóricos nosso trabalho faz parte de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica alinhada aos estudos da História Cultural. Entendemos que o ensino de História pautada no uso de audiovisuais e debates posteriores, dependendo do trabalho realizado pelo/a professor/a, pode favorecer uma aprendizagem mais significativa.

PALAVRAS-CHAVE: História de Alagoas. Educação em Alagoas. Audiovisual online. Memória Coletiva.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a renovação dos temas, métodos e abordagens da História trouxe como consequência a adição definitiva das imagens ao trabalho de pesquisa, ensino e reflexão de historiadores/professores e o público em geral. Cada vez mais somos atingidos por imagens dos mais variados tipos, vindas de todos os lugares: seja na televisão, cinema, navegando na internet ou recebendo algum *emoticon* no celular. Na realidade escolar e acadêmica, o ensino de todas as matérias e em especial a da História também foi, claro, atingido. Como vivemos na era da cultura visual exagerada pelo uso da tecnologia na produção de imagens, sabe-se, por exemplo, que na atualidade uma fotografia ou vídeo podem ser manipulados e modificados através de edição - e os alunos muito cedo

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professor efetivo de História pela rede municipal de Teotônio Vilela – AL.

experimentam vários tipos de mídias digitais - como a televisão, internet, o computador, smartphones, cinema etc. Foram realizadas pesquisas em portais de vídeo como o Youtube.com e Vimeo.com em busca de referências que pudessem ser utilizadas em sala de aula em conexão com o tema “História de Alagoas” e sua possível aplicação docente, assim como consulta bibliográfica tradicional de algumas obras da historiografia alagoana para consolidar, acrescentar ou contrapor as informações contidas nos vídeos durante as exposições comentadas.

Por sua vez, a Nova História e a História Cultural têm apontado a necessidade do ensino de História trabalhar com novos temas e novos objetos. As histórias de pessoas comuns, geralmente negligenciadas pela “História Tradicional” precisam aparecer como elemento indispensável para entender as sociedades que foram construídas ao longo do tempo ou, no nosso caso, o *modus vivendi alagoanus*. Em relação à bibliografia acerca da História de Alagoas, foram consultadas algumas obras que o autor julgou serem mais interessantes, como: “Formação Histórica de Alagoas” (2015), de Cícero Pérciles de Carvalho, “República dos Palmares” (2004), de Décio Freitas, “Maceió de Outrora v. II”, de Félix Lima Jr, dentre outros, por possuírem uma linguagem atraente, visto que algumas vezes foram xerocadas páginas e distribuídas aos alunos.

Somando-se a isso, temos também a necessidade de mais pesquisa e ensino sobre História de Alagoas em contextos escolares seja de nível fundamental I, II ou de nível médio, na capital e no interior. Assim, indagamos: de que forma podemos trabalhar com a História de Alagoas utilizando audiovisuais online (filmes, músicas, sites, blogs, documentários etc²) como suporte pedagógico para facilitar o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História do Ensino Fundamental II? Outra questão também acaba sendo levantada: será que nossos professores/pesquisadores estão levando essa discussão local para as salas de aula?

De acordo com a Lei Estadual nº 6.184 de 02 de julho 2007, houve um acréscimo de conteúdos de História Afro Alagoana nos currículos das instituições públicas estaduais de ensino, porém não há referência a História de Alagoas

² Embora estarmos nos referindo a blogs e músicas, o trabalho terá como foco documentários e filmes.

como um todo. Logo, nas redes estaduais, municipais e particulares, fica a critério das diretorias escolares e, principalmente, do professor de História se ele vai ministrar aulas referentes à História de Alagoas ou não. É a partir de realidades como essas que podemos dizer, em partes, que há certo vazio de identidade histórica e cultural que começa no início da escolarização e passa por outros ciclos da trajetória escolar de muitos cidadãos alagoanos. Uma boa parte dos acadêmicos e pesquisadores julga que esse vazio de identidade colabore para uma sensação de baixa autoestima por parte dos alagoanos, contribuindo assim até para o aumento da violência social.

Porém não é uma tarefa fácil de ser realizada, visto a abrangência de temas, conteúdos e carga horária insatisfatória que a disciplina possui. De acordo com Bittencourt (2009), “um dos principais objetivos do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade local e regional, nessa perspectiva, é um dos itens a serem constituídos pela História escolar, porém enfrenta ainda o desafio de ser relacionada com as questões nacionais e globais” (BITTENCOURT, 2009, p. 121).

Sendo assim, esse trabalho tem por objetivos: a) Identificar algumas formas de se trabalhar a mídia audiovisual em sala de aula ao trabalhar a história local; b) Propor situações de aprendizagem ao se utilizar os audiovisuais online nas aulas de História de Alagoas; c) apresentar algumas experiências vivenciadas em turmas do ensino fundamental II em escolas alagoanas. Sabemos que o interesse dos historiadores/professores pelas imagens que vagam em diferentes mídias e momentos aumentou bastante. Essas diversas imagens e mídias têm-se tornado em fontes importantíssimas para a historiografia, atingindo majoritariamente especialistas da História Cultural. Porém, um dos problemas centrais para os professores que as utilizam é o tratamento metodológico e pedagógico que esse acervo exige, para que não se limite a ser usado apenas como o fim daquela aula ou como recurso para atrair um alunado mais que acostumado com o compartilhamento de imagens e sons do mundo audiovisual, seja online ou não. Necessário é debater essas produções e a ideia por trás delas.

O presente artigo tenta unir essas reflexões também no sentido de catalogar e compartilhar uma parcela significativa e muito interessante que existe

disponível aos internautas e, principalmente, professores e interessados no tema História de Alagoas. No primeiro momento do texto, discute-se o ensino de História e sua importância para a construção da identidade do educando e educanda. Na segunda parte, faz uma discussão sobre a importância da história local e, por último, apresenta a experiência desenvolvida em escolas do Estado de Alagoas entre os anos 2014 e 2015. O artigo, assim, une várias mídias (informática, vídeo, internet, mídias impressas para consulta bibliográfica) em torno de um só objetivo: um maior aprendizado e reflexão ao alunado sobre nossa formação, identidade, rupturas e continuidades como alagoanos.

2 O ENSINO DE HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO EDUCANDO E DA EDUCANDA

O termo “identidade” pode se referir as características culturais que todos nós herdamos e/ou produzimos e que nos fazem pertencer a um determinado grupo social ou localidade, como, por exemplo, a identidade de ser alagoano. Mas também pode se referir às características individuais, que diferenciam as pessoas ou grupos específicos, como a questão do uso de tatuagem no corpo ou o gosto por determinado gênero musical em comum. Idealizar projetos e atividades que evidenciem as pessoas que compõem esses grupos, no caso deste trabalho, os alagoanos e o estado de Alagoas, como elas se relacionam, como se diferenciam, e quais as suas semelhanças podem ser de grande importância para elaborar várias noções sociais: de estrutura, de pertencimento, de diversidade, de identidade, de passado em comum entre outras.

É através da percepção de suas experiências de vida individual e coletiva que o aluno pode incorporar com maior propriedade os saberes escolares de forma crítica e contínua, melhorando sua compreensão do cosmos que o cerca e melhorando sua ação/interação social. Desse modo, o estudo da História pode partir da compreensão e reconstrução da vida cotidiana, simples, para que seja possível compreender essa dimensão na vida das outras pessoas e perceber que o homem, vivendo em conjunto, pode criar desde manias pessoais até grandes questionamentos existenciais.

Ao tomar a experiência histórica/cultural de personagens ou grupos específicos ligados a um tempo/espço, podemos tornar mais claras as relações que estes trazem do passado e como se reelaboram no presente. Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawm (1995), estudar e analisar o passado é uma grande necessidade nos tempos atuais - que dão mais visibilidade ao banal, a novidade efêmera em detrimento do passado humano conhecido e a se conhecer. Para ele, conhecer a história de uma civilização, de um povo e até de uma comunidade local específica significa uma construção e afirmação de uma identidade histórica/cultural - um elo que a tudo une: sabermos de onde viemos, quem somos e quais caminhos foram trilhados até o atual ponto onde nos encontramos.

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. (HOBSBAWM, 1995, p.13).

Um paralelo simples que o autor deste artigo faz desta citação com o sentido desta monografia é a questão da situação da população negra em Alagoas, ontem e hoje. Sabe-se que as tropas que invadiram e conquistaram o Quilombo dos Palmares destruíram sumariamente todos os registros escritos, demais documentações e artefatos produzidos pelos quilombolas palmarinos. Depois, segue-se uma historiografia que coloca Palmares como um reduto de rebeldes, um “antro de negros”, um lugar abominável que precisava ser combatido. Nesse estado, cujas terras foram cenário do maior e mais bem sucedido quilombo nas Américas, cujas terras clamaram por liberdade entre todos os homens, onde Zumbi, maior herói negro brasileiro, nasceu, cresceu, lutou e morreu, vemos que hoje, passados séculos, mesmo com a emancipação política em relação a Portugal, a queda da monarquia e a vinda da república, a população negra e mestiça do estado continua sendo a maior vítima das injustiças sociais: altas taxas de analfabetismo e qualificação profissional, moradia e saneamento básico, acesso a bens culturais etc. A escola, seja pública ou privada, é um dos

principais locais por onde essa mudança de mentalidade perpassa, objetivando uma melhor justiça social.

Resgatar uma parte dessa história de lutas do povo alagoano é um dos objetivos desse trabalho - fazendo os alunos conhecerem e pensarem de forma crítica na relação entre o passado-presente, levando esse conhecimento para casa, para a comunidade e pensando, como indivíduos e como conjunto, de que formas podem agir para mudar o atual status quo na Terra dos Caetés.

3 O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: Desafios e possibilidades para repensar a história de Alagoas por meio de audiovisuais online.

Durante o processo ensino-aprendizagem, o alargamento de fronteiras oferece ao estudante oportunidades de construir/melhorar a sua noção de pertencimento, identificação e diferenciação com grupos sociais, etnias, gêneros, culturas, “tribos urbanas”, nacionalidades, etc. Nesse amadurecimento cultural através dos anos letivos, o estudante percebe-se como parte de um todo amplo e complexo. Ao mesmo tempo, descobre e entende as suas semelhanças e alteridades em relação aos demais alunos e grupos de jovens da escola onde estuda. No contexto desta pesquisa, buscamos refletir sobre a história regional alagoana e algumas formas de se trabalhar essa questão.

No nosso caso, o estado de Alagoas e suas diferentes “Alagoas internas”: as Alagoas do Sertão, acostumados com o clima árido, vegetação de caatinga (o xique-xique, o mandacaru, o angico etc) moldada no couro e acostumada com histórias de cangaceiros e coronéis, onde a presença negra historicamente teve mediana e baixa infiltração. As Alagoas do agreste, com suas cidades polo, bacia leiteira e policultura. E as Alagoas do litoral, da zona da mata, das regiões verdes das Serras dos Quilombos, que vai até Pernambuco. Terra de índio antropófago (canibais), de negros papa-méis, antigamente rica em pau-brasil, de acirradas disputas políticas, da capital, da cana de açúcar e, futuramente, também de eucaliptos. E o mar, o Atlântico Sul e suas comunidades pesqueiras tradicionais. É diante desses cenários variados que destacamos os dizeres dos PCN:

A preocupação com os estudos de história local e regional é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a

compreensão de relações sociais, econômicas, religiosas e culturais existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia a dia. (PCN – História, p.40).

Não podemos deixar de pensar em alguns conceitos que são muito importantes para entender essa dinâmica: a questão da memória coletiva, tão presente e marcante nos estudos da história regional e local – marcadas pela oralidade e reminiscências de um passado que ressurgem no presente. Uma vez que essa lembrança necessita de uma comunidade afetiva para recebê-la e fortalecê-la, construída graças às nossas relações pessoais positivas com outros, podemos também nortear nossa impressão nas reminiscências de outras pessoas que fazem parte do mesmo grupo que nós para reforçar essa mesma identidade. De acordo com Halbwachs:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que essa reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2013, p 39).

Dessa forma, entre as possibilidades do trabalho com a História local e regional, alia-se essa perspectiva de memória coletiva, identidade, uso bem planejado do audiovisual e produção final podem se tornar uma via positiva de estratégia didático-pedagógica. De acordo com Cainelli e Schmidt:

Pode-se produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar historicidade e identidade dele; ajuda a gerar atitudes investigativas, criadas com base no cotidiano do aluno, além de ajuda-lo a refletir acerca do sentido da realidade social; ajudam o aluno na análise dos diferentes níveis da realidade: econômico, político, social, cultural, religioso. O trabalho com a história regional e local pode ser instrumento idôneo para a construção de uma história mais plural, menos homogênea, que não silencie a multiplicidade de vozes e atitudes dos diferentes sujeitos da História. (CAINELLI, SCHMIDT, 2010, p. 139).

O estudo do “lugar” e da “região” sugerem ideias coletivas e individuais por uma espécie de segurança e pertencimento a algum tipo de comunidade. Muitas vezes buscamos símbolos e tradições que nos remetam a um passado em comum com outras pessoas que já se foram mas viveram no mesmo ambiente que nós, uma teia social. É, em parte, pelo costume de as pessoas buscarem

certas raízes que acaba incrementando a responsabilidade dos historiadores/professores ao passo em que aumenta a produção de investigações focadas no regional/local, valorizando essa mesma de produção de conhecimento em sala de aula. Trabalhando com mídias audiovisuais, temos a possibilidade de analisar os argumentos, personagens, mensagens e imagens - e o que pode estar atrás delas. As diferentes produções em vídeo nesse sentido podem causar (como foi observado em várias exposições) inquietação, estranheza, certa quebra de antigas certezas etc - auxiliando o alunado a compreender parte da trajetória dos lugares e regiões onde vivem: Alagoas, no nosso caso.

4 O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL POR MEIO DE AUDIOVISUAL ONLINE EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE TEOTÔNIO VILELA – AL: Experiências e reflexões

Como foi mencionado anteriormente o ensino de História local é de fundamental importância para que os estudantes compreendam o mundo em que estão inseridos. Muitas vezes, a disciplina de História é trabalhada separadamente das situações cotidianas e culturais. Entender como foram construídas as histórias de Alagoas (no sentido de diversidade/historiografia) e as implicações dessas histórias com a nossa vida é de suma importância para que possamos mudar os caminhos de exploração e de desigualdade social que foram construídos ao longo do tempo no Brasil e no Estado de Alagoas, especialmente.

Foi pensando em questões como essas que realizamos um trabalho com estudantes do Ensino Fundamental II das escolas Aurélio Buarque de Holanda e Maria de Medeiros Tavares, ambas da rede municipal de Teotônio Vilela/AL, entre os anos 2014 e 2015.

Devido a limitações de espaço e tamanho do artigo, não será possível relatar todas as experiências vivenciadas. Iremos apresentar apenas alguns pontos de reflexões. Devido ao grande número de títulos encontrados pelo autor em pesquisas realizadas na internet e a obrigatoriedade de ministrar aulas de História do Brasil e Geral, assim como outras atividades correlatas ao sistema educacional público, não foi possível trabalhar todos esses títulos em sala de aula, escolhendo alguns e deixando outros para futuras oportunidades.

Foram realizadas algumas exibições comentadas em todas as turmas do ciclo fundamental II na qual o autor lecionou, sendo um 6º ano, duas 6ª séries, duas 7ª séries e uma 8ª série, nos horários vespertino e noturno na cidade de Teotônio Vilela – AL. Pode-se dividir as sequências didáticas em quatro etapas: a pré-exibição, a exibição comentada em si, um debate sobre o que foi visto e a realização de uma produção textual, com ou sem adição de arte livre por parte dos discentes.

a) PRÉ-EXIBIÇÃO

Foram colocados no quadro alguns parágrafos introdutórios a cada tema de vídeo que iria ser exibido na aula seguinte, assim como palavras-chave e explicações de cada uma delas e certas perguntas à turma como sondagem de conhecimentos prévios dos alunos e alunas. É fundamental que se considere que o aluno já tem certos saberes acerca de alguns conteúdos de História de Alagoas, que foram elaborados no seu convívio familiar, social e escolar – até porque trata-se de temas da terra onde vivem. É depois disso feito que se explana melhor sobre o vídeo que será visto na próxima semana: o título; tema geral e subtemas que se podem trabalhar; se o título é documentário ou ficção baseada na História (cabem também breves explicações do que é Cinema Documental e seu propósito social); se é um curta, média ou longa-metragem; baseou-se em algum livro? A biblioteca escolar possui livro ou periódico que trate do tema ou subtemas que auxiliem ou complementem o aprendizado? O ano de produção, direção, atores que porventura possam ser conhecidos do grande público também são interessantes de serem informados.

Bittencourt (2014) afirma que somente após lançar certas questões e discutir alguns aspectos que indicam a complexidade de um filme ou documentário é que se deve começar a abordar a temática desejada e assim foi realizado na maioria das vezes na trajetória desse trabalho nas turmas.

b) EXIBIÇÃO EM SI

Momento de exibição do título, preferencialmente usando um notebook ou tablet plugado num aparelho Datashow e ligado a caixas de som externas, ampliando a qualidade e alcance do áudio. Caso a escola possua uma sala de vídeo específica, é a preferência óbvia. No caso das unidades escolares em que foram realizados estes trabalhos, não há esse espaço. Porém, usou-se o laboratório de informática, com condicionador de ar, cadeiras em quantidade suficiente e espaço idem de forma satisfatória. Em algumas ocasiões, usou-se uma TV LED 42' também de forma satisfatória.

Cabe aqui uma observação importante: no uso e manejo dessas ferramentas pedagógicas é de fundamental importância que a gestão da unidade escolar tenha consciência de que as novas mídias e suas tecnologias vieram para ficar e devem ser usadas pelos professores da escola, apoiando e também, por que não, também apreciando alguns trechos dos filmes e documentários exibidos para as turmas. Nesse sentido, nunca houve nenhum impedimento por parte do diretor geral e coordenador do ciclo fundamental II das referidas escolas. Pelo contrário, sempre muito solícitos e companheiros quando na autorização para usar o laboratório de informática como sala de vídeo e os demais recursos.

Tirando alguns procedimentos padrão, como pedir para desligar ou colocar os celulares no modo silencioso e que moderem as idas ao banheiro ou bebedouro (quase sempre isso não foi problema neste caso), o momento da exibição do título sempre varia, de turma para turma e período para período. Cada professor tem seu próprio critério de como se portar durante uma exibição e sua interação com os alunos. Optou-se nesse trabalho em fazer breves pausas para comentários que sejam considerados importantes. É um momento em que o professor deve dobrar o bom senso, pois uma sequência muito grande de pausas pode, naturalmente, gerar certo desconforto em alguns alunos e alunas - o que pode ser compreensível. Deve-se usar a moderação nesse sentido, além de que o nível de amizade entre professor-alunos(as) também influenciou positivamente no caso deste trabalho, sendo possível uma boa quantidade de colocações durante as exibições.

c) DEBATE E PRODUÇÃO TEXTUAL

Na terceira sequência didática (a aula seguinte após a exibição) é a vez de refrescar a memória. A metodologia adotada nesse trabalho é a de primeiro perguntar se algum aluno ou aluna tem alguma dúvida ou se quer dizer algo sobre o filme. A seguir, o autor faz uma pequena retrospectiva da pré-exibição, lendo e comentando os parágrafos que havia feito na primeira aula. É um bom momento para indicar outros vídeos interessantes que também estão na internet e que dialogam com os temas abordados no título exibido em aula.

A seguir, foram apresentados alguns aspectos que deveriam conter nas produções textuais: o título, identificação do autor (nome, série, turma etc). Nesse trabalho, a redação em si foi sempre pedida como livre, desde que respeitando algumas regras básicas como: forma, parágrafo, pontuação, gramática e mínimo de linhas produzidas. Para quem quisesse, também foi pedido um desenho livre sobre um personagem ou paisagem vistos no título, assim como uma opinião se vale a pena ou não ver o título e a devida justificativa. É muito importante que o professor fique atento às variadas dificuldades de alguns alunos e alunas, pois muitas vezes eles apresentam uma boa compreensão sobre o tema mentalmente, mas sua elaboração textual e, não raro, oral se torna confusa em alguns aspectos, com ideias desconectadas ou misturadas entre si. Pede-se que eles leiam, releiam e, se necessário, reescrevam a redação.

Contudo, os resultados obtidos são ainda mais variados e interessantes, nos fazem refletir sobre como a juventude alagoana vê tópicos de sua própria História escritos numa folha de caderno e seus resultados são na maioria das vezes satisfatórios, porém um pouco longe do esperado algumas vezes - reflexos de um estado que amarga uma das piores colocações no quesito Educação do país. Porém, são atividades e acontecimentos maravilhosos que nutrem nosso desejo por mudanças e melhoras, atizam a curiosidade e imaginação dos estudantes, reforçam a melhora nas produções textuais, compreensão de texto, leitura e caligrafia. Alagoas vista de forma diferente, por dentro.

Sendo um dos “produtos finais” após cada sequência didática com determinado tema, a produção textual (em forma de redação ou relatório) e/ou artística é utilizada apenas como um dos critérios de avaliação. A interação durante a exibição e nos debates torna-se também um item importante de avaliação individual do aluno. Abaixo, podemos visualizar uma parte significativa

da pesquisa realizada pelo autor e que pode ajudar outros professores(as)/pesquisadores(as) no trabalho com o tema História de Alagoas e o audiovisual online, dividido por temas e *links* onde podem ser encontrados.

Quadro 1 – Obras e links de acesso divididos por área temática

OBRA	LINK
QUESTÃO INDÍGENA	
História Brasileira da Infância (2005)	https://www.youtube.com/watch?v=RujGI7Ola_U
Ponto das Ervas (1978)	https://vimeo.com/60847884
Toré Xucuru-Cariri em Palmeira dos Índios (2008)	https://www.youtube.com/watch?v=6K-EYzAH1uM
TEMÁTICA AFRO ALAGOANA	
Quilombo (1984)	https://www.youtube.com/watch?v=v7CYGqJsFvU
Ganga Zumba, Rei dos Palmares (1964)	https://www.youtube.com/watch?v=pjEiYGwOxv0
Uma História de Amor e Fúria (2012)	https://www.youtube.com/watch?v=KtxXbBDotrM
Orixás em animação (2010)	https://vimeo.com/14348038
Xangô Rezado Alto (2014)	https://www.youtube.com/watch?v=5tEfkT3emWo
Exu – Além do Bem e do Mal (2012)	https://vimeo.com/51492394
1912 – O Quebra de Xangô (2010)	https://www.youtube.com/watch?v=gnpy-dJSmkc
BIOGRAFIAS	
Corisco e Dadá, um casal no Cangaço (1996)	https://www.youtube.com/watch?v=JlvkDpp8jNs
Coronel Delmiro Gouveia (1979)	https://www.youtube.com/watch?v=ZMsyOSwK3zc
Graciliano Ramos, o Mestre Graça (2012)	https://www.youtube.com/watch?v=JlqbVfhydz0
Ranilson França, o santo guerreiro do povo (2013)	https://www.youtube.com/watch?v=hn1kDfPgBWI
Memórias de Sangue – Jayme Miranda, um lutador social (2014)	https://www.youtube.com/watch?v=39AdpxZ2k6l

O Evangelho segundo Teotônio (1984)	https://www.youtube.com/watch?v=pDbdXp8acFA
Sandoval Caju, além do conversador (2011)	https://www.youtube.com/watch?v=IVyoCrZj-GY
Gustavo Paiva, o Comendador do Povo (2013)	https://www.youtube.com/watch?v=WtNUBcaxsy4
Imagem Peninsular de Lêdo Ivo (2003)	https://www.youtube.com/watch?v=svi3CPMHjIU
Marechal Deodoro da Fonseca (2013)	https://www.youtube.com/watch?v=kISdG-zx4lc
Marechal Floriano Peixoto (2013)	https://www.youtube.com/watch?v=EOK-pJiVWJE
Cadê Calabar? (2005)	https://vimeo.com/16487174
Collor Nunca Mais!	https://www.youtube.com/watch?v=lscybl7i40g
	https://www.youtube.com/watch?v=hnYnlhFokAA
O Homem da Capa Preta	https://www.youtube.com/watch?v=jNki66egiCk
ENTREVISTAS E REPORTAGENS	
Brasil dos Holandeses (2012)	https://www.youtube.com/watch?v=KBjAKZIMBOK
De lá pra cá – Teotônio Vilela (2008)	https://www.youtube.com/watch?v=mqoVoC32Cul
Acervo TV Educativa de Alagoas	https://www.youtube.com/user/tvealagoas
17 de Julho - Rebelião Popular em Maceió (2011)	https://www.youtube.com/watch?v=c2SYay8XEhY
Dois Dias que Abalaram o Brasil (2013)	https://www.youtube.com/watch?v=jZhLzED6iz8
SÉRIES	
Alagoas Nossa Terra (2012)	https://www.youtube.com/watch?v=5eJTImQuuNo
	https://www.youtube.com/watch?v=ySnHYpBMHhw
	https://www.youtube.com/watch?v=KkwiPL3l3xk
	https://www.youtube.com/watch?v=iJ9f6l1QjtE
Trem da História (2009)	https://www.youtube.com/watch?v=X8eFAMZQe
O homem, o rio e o Penedo (2011)	https://www.youtube.com/watch?v=r0PVWSlqSWo
	https://www.youtube.com/watch?v=Lk7o1zTj9Pk

	https://www.youtube.com/watch?v=gljQ-FOvWXM
URBANISMO E OCUPAÇÃO ESPACIAL	
Chão de Casa (1982)	https://vimeo.com/72482850
A Comunidade do Jaraguá (2013)	https://www.youtube.com/watch?v=9JOBFIWReYg
Areias que falam (2009)	https://vimeo.com/17096337
O lixão Sai, a Gente Fica (2010)	https://www.youtube.com/watch?v=B0HnZx3ehG4
Banks – A Praça do Skate em Maceió (2015)	https://www.youtube.com/watch?v=OXSEX5S0Wul
Interiores ou 400 anos de solidão (2014)	https://www.youtube.com/watch?v=dCqLXJJqWDg
FICÇÃO BASEADA EM ALAGOAS COM CONTEXTO HISTÓRICO	
São Bernardo (1971)	https://www.youtube.com/watch?v=_2Uu43gZZ44
A Volta pela Estrada da Violência (1971)	https://www.youtube.com/watch?v=en2VJ3lCjSE
ECONOMIA EXPLORATÓRIA	
Trama da Memória, Urdidura do Tempo (2013)	https://www.youtube.com/watch?v=Zbwcmx9fOrk
Tabuleiro de Cana, Xadrez de Cativoiro (2012)	https://www.youtube.com/watch?v=lgxcAn4b32Q
O lixão Sai, a Gente Fica (2010)	https://www.youtube.com/watch?v=B0HnZx3ehG4
OUTROS	
Futebol na Terra da Rasteira (2013)	https://www.youtube.com/watch?v=oNGLPzAkUB8
Estrelas Radiosas (2008)	https://www.youtube.com/watch?v=Vi2mkjWyStQ
Casamento é negócio? (1933)	https://www.youtube.com/watch?v=4fThvnjO-Is

Fonte: O autor, baseado em pesquisas realizadas na internet. Todos os links foram acessados no dia 22/11/2016 para garantir que se encontravam disponíveis online.

Enfim, o ensino da História local por meio do audiovisual poderá contribuir para um ensino de História mais significativo e rico, possibilitando os educandos e educandas a se verem como sujeitos construtores da própria história. Por fim, deixamos ao leitor uma indagação com o intuito provocativo: quais histórias deveriam fazer parte do currículo de História para que os e as estudantes,

professores e professoras tenham desejo de aprender mais sobre si, sobre a sua localidade e sobre onde ela se encaixa no mundo? Cabe aos educadores e educadoras do mundo contemporâneo pensar sobre esta questão, sabendo que podem contar com as tecnologias como aliadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas e as já tradicionais mídias, como a TV, a internet e a informática, o rádio e os impressos são formas de comunicação positivas aos processos de ensino e aprendizagem. Portais midiáticos como o Youtube.com e Vimeo.com são ferramentas muito ricas e que, gratuitamente, podem ser utilizadas para auxiliar bastante o trabalho do professor de História que queira trabalhar a história local e regional. O desafio de popularizar a História alagoana, tornando-a mais atraente e próxima do educando e educanda, com o uso de filmes, documentários e reportagens de qualidade nas aulas pode ampliar o campo temático, dando condições ao aluno de conhecer diferentes abordagens, ideias e leva-lo a refletir sobre seu próprio espaço territorial, histórico, social e cultural – a sua própria História. Conhecer e refletir sobre o acervo existente disponível na internet a respeito de vários temas caros à formação histórica do estado de Alagoas e sua possível aplicação nas aulas de História, abordando temáticas variadas, gerando assim uma maior conexão entre o passado do estado e a atualidade vivida por esses estudantes através de exposições organizadas, debates e produções ao final de cada sessão pode se tornar uma via positiva nesse sentido. Até os videogames hoje são objetos de estudo de teóricos e pesquisadores da educação, visto sua potencialidade pedagógica na atualidade. Muitos são os jogos que podem facilitar e tornar mais interessante o estudo da História.

As relações do cinema – que é, ao mesmo tempo, uma arte, uma técnica, uma indústria e um meio de comunicação poderoso – com a História, sua pesquisa e ensino são múltiplas e bem antigas: desde a década de 1910, produções com conteúdo histórico cativam um público cada vez mais numeroso, com versões mais ou menos críveis de acontecimentos históricos. Um exemplo interessante é “O Nascimento de uma Nação”, de 1915, sobre a Guerra Civil nos

Estados Unidos³, considerado por muitos especialistas como o primeiro documentário sequencial já produzido.

Um fato interessante que resultou de ações pedagógicas envolvendo cinema e esse audiovisual debatido em sala foi envolvendo o documentário “O lixão sai, a gente fica”, no qual o autor deste artigo teve o privilégio de participar. Este é um trabalho, que continua ativo e cada vez mais atuante, envolvendo o Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu (CEASB) e a Cooperativa de Catadores da Vila Emater (Coopvila), visando a obtenção de parceiros que façam a separação e doação de materiais recicláveis para os membros desta cooperativa, estes, ex-catadores do antigo lixão de Maceió, no bairro de Cruz das Almas, fechado pela prefeitura em 2010. Após a exibição, veio nosso debate, envolvendo também a semelhança entre Maceió e Teotônio Vilela nos quesitos: não possuir aterro sanitário apropriado, não haver incentivo maior à coleta seletiva por parte da prefeitura, a população de forma geral não colabora fazendo sua parte, a “invisibilidade” social dos catadores apesar de seu importante trabalho etc.

Alguns alunos propuseram uma visita ao lixão da cidade para documentar, gravando e entrevistando catadores que trabalham no local, dando assim visibilidade para a causa ao levar esse minidocumentário autoral produzido a partir das reflexões trazidas com a exibição do título “O lixão sai, a gente fica” para as salas de aula, visando a exibição a todas as turmas da escola Aurélio Buarque de Holanda. O autor desta monografia, professor de História dos referidos alunos, entrou em campo e participou dessa visita, que rendeu bons frutos: os alunos puderam ver in loco (aula mais que prática) a realidade desses catadores e seu ambiente de trabalho, a degradação ambiental causada pelo desperdício de materiais recicláveis na mata e regiões próximas do lixão, a exploração econômica dos catadores ao vender o produto de seu suor a preços tão baixos, aprimoraram também seus dotes de entrevistadores, posicionamento da câmera e edição de vídeo, senso crítico, experiência de vida, união entre teoria (exibição do documentário e debates) e prática (visitação ao local, interação com

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wzbowc2z5t0> – Acessado em: 17/11/2015.

os trabalhadores e filmagem), senso de equipe alunos-professor, responsabilidade social etc, uma gama de valores e conhecimentos adquiridos.

Essa possibilidade de incentivo investigativo por parte dos alunos é muito bem-vinda e faz parte da práxis pedagógica, em que eles se sentem motivados a produzir e editar pequenos vídeos entrevistando pessoas de idade avançada buscando conhecer melhor as origens da sua rua, da sua comunidade, do seu bairro e sua cidade, valorizando assim os moradores mais antigos e a própria localidade no qual estão inseridos. O resultado desse trabalho é considerado bastante positivo para ambas as partes - professor/alunos(as) e o autor pretende repetir mais vezes, variando o tema. O produto final desta parceria pode ser visualizado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=KjP4P10pPqY>.

Citado este exemplo de produção autoral como consequência das atividades realizadas com o audiovisual de terceiros, entende-se melhor a grande responsabilidade que a escola e o professor de História (mas não apenas ele, pois o autor entende a importância da interdisciplinaridade) tem para com o alunado – a de oferecer uma via para que o estudante possa construir uma visão mais ampla e crítica do mundo, participativa e, no nosso caso, do estado de Alagoas, assim como na criatividade e empreendedorismo na pesquisa e realização de trabalhos próprios, autorais.

Dessa forma, quem sabe, nascem as histórias das localidades físicas mais próximas do aluno e aluna, de suas próprias famílias – ligando o particular ao público, coletivo – deixando a noção de História mais próxima deles, trabalhando também a questão da identidade individual e coletiva. Há também que se destacar que uma parte considerável dos professores e professoras de História de nosso estado sente necessidade de materiais variados que tratem deste assunto, desconhecendo assim todo o acervo digital existente e acessível encontrado na internet e a possibilidade que seus alunos sejam eles mesmos possíveis pesquisadores/produtores.

Espera-se que o trabalho bem organizado com audiovisuais (e sua produção, apesar das enormes dificuldades) que tratem de temas locais possa ser uma forma de acesso à História e um meio de grande influência na forma como as pessoas de um modo geral – e as em idade escolar em particular – constroem seu saber histórico e cultural. A formação dessas identidades e

memória coletiva associa-se à formação da plena cidadania, problema essencial na atualidade, e o papel da escola e do professor de História nessa dinâmica é enorme.

Essa é uma das muitas contribuições da História na construção da cidadania do aluno: a formação do cidadão politizado (algo não comum em Alagoas) e consciente da realidade em que vive: em sua comunidade, vizinhança, cidade, em seu estado, no seu país e no mundo – estabelecer relações entre presente/passado/presente, fazer comparações e identificar semelhanças e rupturas entre a diversidade de acontecimentos sociais.

Enfim, o professor, com estratégias diversificadas e aulas bem elaboradas, usando também o recurso audiovisual e a tecnologia que aí estão disponíveis, tem que ajudar os estudantes a descobrir certo enigma: qualquer pista que nos diz algo sobre o presente ou o passado do nosso espaço vivido na memória coletiva fala sobre as nossas próprias vidas. É preciso afirmar que o lugar e a região não têm outro centro que não nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Paulo Davi Cardoso. **A terra dos Caetés e a Suástica**: fragmentos de História Oral e Memória alagoana na Segunda Guerra Mundial (1942-1945). Trabalho de Conclusão de Curso em História Licenciatura – Universidade Federal de Alagoas - Maceió: 2011. Disponível em <<http://www.historiadealagoas.com.br/a-terra-dos-caetes-e-a-suastica.html>> Acesso em 10 mar 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia** / Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** São Paulo: Zahar, 2005.

CAINELLI, M; SCHMIDT, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010.

CARVALHO, Cícero Pérciles de. **Formação Histórica de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2015.

FREITAS, Décio. **A República dos Palmares**. Maceió: Edufal, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos – o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Maceió de Outrora**. v.2. Maceió: Edufal, 2001.